

BRASIL

GREGORY JOHN RYAN
JOSE MANUEL OTERO
MAYA BARTH

Maio 2014

www.kas.de/brasil

#DEMOCRACIA VIRTUAL

Em 24 de abril, o evento da “Democracia Virtual”, organizado pela Fundação Konrad Adenauer (KAS) em parceria com a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) foi realizado em Recife para discutir as mudanças nos fluxos de informação derivadas da internet e das redes sociais, que estão transformando muitas dinâmicas sociais e a consciência política neste mundo globalizado, afetando a vida cotidiana do indivíduo em quase todos os aspectos e melhorando a organização política dos grupos sociais contra os governos. Foi objeto de debate a forma como os governos e outros agentes sociais estão reagindo, a forma como eles interagem, bem como os seus resultados.

Paralelamente, aconteceu em São Paulo um encontro em nível global sobre a importância da internet, sua governança e o seu futuro. As ligações entre ambos encontros foram evidentes durante o mesmo; inclusive através das próprias redes sociais. O qual refletia as implicações entre a governança da internet e a democracia virtual.

Além disso, em todo momento o evento teve uma importante interação entre os palestrantes e o público que lotou a sala de conferências em Recife. Mostrando a crescente importância deste tópico em âmbito acadêmico e político, incluindo a presença de jovens de partidos como os Democratas e os Piratas.

As discussões eram diretamente comentadas em um painel no Twitter, onde os twe-

ets eram visualizados em tempo real nas telas instaladas na sala, através do hastag #DemocraciaVirtual. Isso possibilitou uma melhor interação entre o público e os palestrantes.

Democracia virtual na mídia social

No primeiro painel, Gregory Ryan, coordenador de projetos da Fundação Konrad Adenauer fez uma introdução da posição atual das redes sociais como facebook, twitter, etc, cuja importância ao que parece será cada vez maior, a qual nos deveria levar a analisar mais profundamente o seu uso e consequências, tanto para a sociedade como para as instituições políticas. As redes virtuais são uma ferramenta que pode servir também como interface entre os cidadãos e o Estado, e não como um objeto degradante da modernidade.

Ryan apontou que já chegou a hora de acompanhar e entender esta evolução que parece não seguir um padrão definido e que afeta a sociedade em geral, assim como analisar as formas de interagir que os diferentes agentes sociais e governos adotam ante esta nova realidade mundial.

O primeiro palestrante do evento, Vinicius Braz, fundador e NetWeaver da iniciativa P2P Foundation Brasil Global, realçou em sua apresentação que o fenômeno das redes compostas por indivíduos, não é algo novo. A inovação de hoje reside no fato de que graças às redes sociais as informações

Konrad-Adenauer-Stiftung e.V.

GREGORY JOHN RYAN
JOSE MANUEL OTERO
MAYA BARTH

Maio 2014

www.kas.de/brasil

são geralmente acessíveis possibilitando a conexão e interação entre as pessoas ao redor do mundo.

Ele falou do conceito de *glocalização*, do “cidadão global”, devido à nossa evolução para nos tornar cidadãos mais globais dentro de uma civilização mais interconectada em rede, dando vida à virtualidade de democracias líquidas, diretas e *glocals*.

Estes novos dinamismos, já afetaram quase todas as áreas imagináveis da conduta humana, não deixando dúvidas de que a internet e as mídias sociais desempenharam um papel central na onda de protestos e revoluções mundiais (desde a primavera árabe, até os protestos na Venezuela, passando pelas manifestações no Brasil –nesta área, encaminhadas atualmente a interagir de forma horizontal no uso e governança da internet- e os movimentos “occupy” arredor do mundo). Isso é um exemplo de como essa *glocalização* permite a um país e a uma sociedade aprender com as experiências e conhecimentos de outro.

Em sua palestra, além da interação com o público e com as redes sociais, foram destacadas as referências aos movimentos de hackers ativistas e o evento que estava a acontecer em São Paulo, na cúpula da NET-Mundial sobre a governança na internet, que ele qualificou como um foro onde todos deveríamos estar presentes e participar, pois todos somos parte da internet e da rede, mas que infelizmente, no momento de falar da governança do mesmo, destacou parecer que só uns poucos governos e empresas podem decidir sobre o seu controle e o seu funcionamento.

Entender a internet como um novo território sem fronteiras, e como promoção do empoderamento individual foi a base da palestra de Thales Castro, Professor da UNICAP e da Faculdade Damas em Recife assim como Cônsul de Malta. Foi questionado o fato de

que, ainda que a internet seja um fenômeno que nasceu no ocidente, não pode ser exportado exatamente igual para todo o mundo, pois nem todo o mundo é ocidente, e a ideia de democracia e o conceito de Direitos Humanos tem um peso histórico imenso nesta área que estamos a discutir, diferente da forma de entender estes conceitos em outras culturas ou sociedades do mundo.

O modelo aplicado na Europa não pode ser exportado a todo o mundo sem uma prévia imersão cultural, a qual às vezes não seria necessária nem desejável, e para isso, foi utilizado o exemplo da diferença com a qual se entendem os direitos humanos islâmicos, diferentes dos parâmetros ocidentais. Isto mostra que a internet não necessariamente deve ser um reflexo do modelo “Westfaliano”

Depois de uma pequena introdução histórica da era da informação, Elton Gomes, professor da Faculdade Damas e da NEPI-UFPE fez referência à ideia de Cyberativismo nos últimos 20 anos e no marco atual, como um novo ambiente para divulgar ideias através dos novos meios de comunicação.

Essa ideia serviu para ligar as manifestações de junho passado com a democracia do Brasil contemporâneo, um gigante conectado que junto às transformações dos últimos anos, ampliou as capacidades do Estado e dos cidadãos politicamente organizados (através de processos de estabilização da economia, inserção internacional do Brasil, melhoria do acesso à informação e população potencialmente mais educada), sendo mais reativos e eficazes.

Estes novos movimentos, serviram para comprovar a ineficiência da máquina pública e comprometimento do bem-estar, que junto com a exposição midiática gerada pelos eventos esportivos internacionais realizados no Brasil explodiram nas já referidas formas de protestos.

Konrad-Adenauer-Stiftung e.V.

GREGORY JOHN RYAN
JOSE MANUEL OTERO
MAYA BARTH

Maio 2014

www.kas.de/brasil

Esses protestos, marcados por reivindicações de todo tipo sem foco claro e sem lideranças claramente identificáveis derivaram em uma rápida desmobilização.

Apesar da falta de legitimidade de uns governantes com os quais os cidadãos não se sentem identificados, o professor Gomes reforçou a ideia do paradoxo da dependência dos partidos políticos por parte dos partidários e cyberativistas, pois os cidadãos conectados não criaram movimento a partir do patamar onde os políticos estão, de modo a propiciar instâncias de comunicação, e promover a renovação da representação política e a fiscalização do poder público.

Este ano de eleições e da Copa pressupõe uma possibilidade de novas formas de articulação política, promoção da cultura cívica, educação política e da cidadania.

Isto poderia resultar em um incremento da participação democrática com resultados ainda desconhecidos.

Democracia Virtual e as Instituições Políticas

O painel seguinte concentrou-se em uma visão de cima para baixo sobre as mídias sociais, com destaque na influência e os esforços das instituições políticas na esfera dos meios de comunicação social e a sua dificuldade para adaptar-se às novas demandas. Gustavo Diniz, membro do Instituto de Pesquisas Igarapé, começou a discussão apresentando os desafios e as possibilidades da mídia social. Ele afirmou que é perceptível que as organizações criminosas são capazes de explorar eficazmente as mídias sociais para como meio de impulsionar suas atividades ilícitas e de recrutamento de novos membros.

Devido ao fato de que o acesso à internet tem sido facilitado, mesmo nas áreas mais remotas, grupos criminosos organizados como Mara Salvatrucha de Honduras e Ca-

valeiros Templários Cartel do México, mas também grupos de menor porte dentro de favelas brasileiras eram, e ainda são, parcialmente, capazes de expandir suas redes usando a mídia social. Nesta matéria, os métodos de combinação de nula ou baixa tecnologia com locais de alta tecnologia, tem-se revelado eficaz. Exemplos incluem pombos transportando smart phones em prisões, bem como explosivos caseiros de alta tecnologia controlados na distância.

Ao mesmo tempo, Diniz destaca as capacidades da mídia social no desencadeamento de protestos massivos, como os visto no Brasil em junho e agosto de 2013. Embora essas manifestações eram principalmente pacíficas, destacou-se um grupo militante anarquista, o que foi bem acolhido por alguns e rejeitada por outros. Enquanto, por um lado, ativistas apoiaram esses movimentos por causa da agressividade cada vez maior da polícia, outros dispensaram precisamente por causa de essa natureza violenta.

Em relação aos ex-adversários, de segurança do governo e da polícia assumiu uma abordagem cada vez mais repressiva e agressiva para estabelecer a segurança, o que, ao mesmo tempo levou a uma desvalorização de liberdade e, portanto, o apoio de grupos anarquistas. A violência e as restrições relacionadas em ambos os lados questionava a legitimidade de tais grupos

Diniz chega à conclusão de que a mídia social tem possibilidades e riscos para as nossas sociedades, onde os governos estão respondendo com várias medidas digitais. Estas incluem a interação dentro das redes sociais, bem como de vigilância digital e tecnológica, tornando-se na questão bem conhecida do equilíbrio entre liberdade e segurança. Embora atualmente não há solução nas nossas mãos, os incentivos devem ser dedicados a encontrar uma maneira de garantir uma sociedade mais justa e aberta

Konrad-Adenauer-Stiftung e.V.

GREGORY JOHN RYAN
JOSE MANUEL OTERO
MAYA BARTH

Maio 2014

www.kas.de/brasil

no mundo off-line, com base nas normas de cooperação e confiança.

Posteriormente Mauricio Wanderly, Professor de Relações Internacionais da Universidade Católica de Pernambuco, destacou a importância do valor da horizontalidade pela qual a internet é conhecida. Seria a mesma horizontalidade que deslocou o centro de debates em redes da mídia social habilitado e motivando cada vez mais pessoas a participar de debates abertos. Mas, ao mesmo tempo Wanderly exigiu a cada um a questionar quem está por trás do crescimento desse ativismo, o que implica que, potencialmente, as pessoas estão jogando o mesmo papel que em sua sociedade offline.

Wanderly considerou a possibilidade de um Leviatã (em referência à teoria do contrato social), que penetra no núcleo das nossas sociedades e, portanto, revela-se também na esfera virtual. Governos são construídos em cima de uma rede off-e on-line, entanto esta rede não permite um diálogo horizontal, em nenhum âmbito. Assim, a idéia de um World Wide Web aberto, livre e horizontal e a condenação dos governos infiltrando essa liberdade, leva-o a re-pensar o papel dos governos como um todo. De acordo com ele, não só precisa de um espaço mais dinâmico e flexível dentro da internet, mas também no mundo offline. A vida das pessoas é dinâmica e muda constantemente, fazendo desejável uns governos igualmente dinâmicos e flexíveis. Para chegar a isso, é necessário promover um diálogo construtivo derivado até a convivência.

O último palestrante, Hugo Suppo, Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, iniciou seu discurso destacando que a mídia social no final é apenas isso: um meio de nos expressar. Além disso, é um meio que não está a ser utilizado do mesmo modo pelo governo que pela sociedade. Isso

leva a muitos movimentos sociais a dirigir-se aos governos através das mídias sociais, mas, ao mesmo tempo, acontece que o destinatário pode estar com os olhos vendados a este respeito. Este, porém, não significa que os governos estão completamente alheios em relação ao uso de mídias sociais como um todo, uma vez que os estados, por exemplo, estão efetivamente usando o último para promover os seus interesses nacionais no cenário internacional. Isso demonstra que a diplomacia pública tradicional pode muito bem ser transferida e transformada em objetivos semelhantes através de novos espaços.

Para construir a democracia que procuramos, Suppo afirma que é preciso fazer uso das potencialidades da democracia pública dentro de esferas competentes. Se a mídia social é uma dessas esferas adequadas, bem como um meio adequado para promover e discutir esses temas ainda tem que ser mostrado. Ele ressalta que, por enquanto, a democracia virtual é apenas uma tendência, que tem de provar que ele também pode fazer uso de diplomacia pública para promover os seus interesses. Até então, Suppo insta a ser paciente e esperar antes de investir mais recursos políticos, sociais e econômicos em um meio que ainda tem que provar a sua eficiência e eficácia.